

Relações de gênero e trabalho no cultivo de alimentos nas hortas comunitárias urbanas

Fernanda Ramos Lacerda
Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, Brasil
Endereço eletrônico: nandarlacerda@gmail.com

374

Palavras-chave: Agricultura urbana. Relações de gênero. Trabalho

INTRODUÇÃO

A agricultura urbana é considerada como prática nos espaços circunscritos no perímetro urbano e periurbano. Mougeot, (2000) destaca que o fato de que ela está integrada e interagir com o ecossistema urbano é o que a diferencia da agricultura rural, e geralmente tem por objetivo primordial o autoconsumo. Todavia, é comum essa prática com fins recreativos/sociais ou para a comercialização direta, no comércio local ou em feiras. Como não há a necessidade de percorrer grandes distâncias para a distribuição dos alimentos, há um estímulo à comercialização entre agricultoras e consumidores locais.

Refletir como a agricultura urbana se insere no processo de ocupação dos territórios pelas mulheres, estabelecendo relações de gênero, mas também evidenciando práticas que revelam a construção de territorialidades por meio do trabalho e das relações de poder, é importante para fortalecer os vínculos com o território e a garantir a manutenção econômica e social das famílias.

As análises das relações de poder expressas nas relações de gênero são complexas, envolvem discussões que despertam questionamentos: como as mulheres se relacionam com a família e com outras pessoas no trabalho de cultivo e comercialização dos alimentos? Como compreender o território em que são configurados seus vínculos de trabalho? Paulilo (2016) afirma que quando se fala em trabalho, a desigualdade está sempre presente. Nesse sentido, essas questões orientam este artigo que tem como objetivo compreender como as relações de gênero permeiam o trabalho das mulheres agricultoras com cultivo de alimentos nas hortas comunitárias de Vitória da Conquista.

Realização:



Apoio:



METODOLOGIA

Este artigo apresenta um recorte da tese de doutorado que se encontra em andamento, portanto apresenta resultados preliminares, fundamentada em levantamento bibliográfico e evidências empíricas. Por meio de abordagem qualitativa, com análise da categoria território e os conceitos de relações de gênero relacionados ao trabalho, permitirá particularizar os estudos das mulheres e famílias que praticam a agricultura nas hortas comunitárias. Essa escolha permite pensar a configuração de territórios femininos levando em conta também as relações sociais presentes no cotidiano das cidades, nesse caso, serão abordadas as quatro hortas comunitárias urbanas na sede do município de Vitória da Conquista/BA.

375

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As informações sobre a agricultura urbana demonstram que geralmente ela tem impacto positivo na segurança alimentar das famílias pois ampliam o acesso a alimentos frescos, saudáveis e geram oportunidade de trabalho e renda, Wilbers (2004) destaca o benefício voltado às mulheres, pois são elas muitas vezes as responsáveis por alimentar seus familiares. No entanto, o trabalho das mulheres no abastecimento alimentar precisa ser reconhecido e valorizado, o trabalho produtivo na sociedade moderna “[...] é aquele que é exercido de modo público, com valor econômico e profissional, já o trabalho reprodutivo, responde às atividades que não possui valor econômico em potencial na sociedade” (Santos, 2019, p.59) o que configura essa desvalorização do trabalho feminino e a torna explícita.

A desvalorização das múltiplas tarefas femininas nas estatísticas oficiais retrata a “[...] expressão ‘trabalho invisível’, um reflexo da desvalorização que perpassa toda a sociedade e suas principais instituições, incluindo a família” (Paulilo, 2004, p. 234). No ambiente familiar “[...] dá-se a primeira forma de educação e de socialização de gênero, quando começamos a aprender os diferentes papéis e as diferentes tarefas estabelecidas para meninos e meninas” (Bertoni; Menezes, 2016, p.105), neste processo da educação é comum que ocorra a manutenção da invisibilidade feminina quando, são impostas às mulheres a obrigação dos afazeres domésticos em relação aos homens.

Realização:



Apoio:



As atividades desenvolvidas cotidianamente vão se naturalizando ao ponto de se tornarem ajuda, [...] ao subtrair do sexo feminino o valor do seu trabalho de forma quase exclusiva, a atividade feminina é considerada geralmente como uma ajuda, por estar vinculada às tarefas domésticas pouco valorizadas” (Menezes; Almeida, 2020, p.248). A agricultura urbana praticada por meio do trabalho nas hortas comunitárias permite às mulheres estarem em um ambiente em que eles se sintam úteis e desenvolve a motivação e a autonomia. Uma agricultora revela em entrevista, “[...] agora eu vou trabalhar pra mim, eu mesmo colho e vou vender de carrinho, não é vergonha” (Agricultora entrevistada, 2023). O reconhecimento e a valorização do trabalho exercido, promovem a autonomia delas e podem garantir o equilíbrio na manutenção econômica da família.

Nas discussões sobre gênero, a diferença nas análises da divisão de trabalho dentro da família e na sociedade [...] lleva a la explicación de la desigualdad y com ello a considerar las relaciones de género como centrales para analizar la distribución y el ejercicio de poder (I Serra; Ferré, 2006, p, 10), nesse sentido, torna-se imprescindível analisar esses espaços apropriados pelas agricultoras, como territórios de pertencimento.

As mulheres experimentam a agricultura urbana de maneira diferente dos homens devido a fatores políticos, sociais e econômicos. “[...] suas experiências são impactadas por relações sociais de poder e diferentes direitos e responsabilidades, sobre quem faz qual trabalho e quem toma decisões e controla os recursos (Young; Rodríguez, 2020, p. 29), nesse sentido as reflexões sobre as relações de gênero imbricada nas práticas agrícolas são importantes para a compreensão da sociedade.

Para Sodré, o trabalho é o incentivo à integração social a partir das atividades da horta, as relações interpessoais estabelecidas no cotidiano das práticas agrícolas criam vínculos de amizade, solidariedade e afeto. Em pesquisa de campo, quando perguntado para uma agricultora sobre seu trabalho na horta comunitária, ela responde “isso aqui é minha vida, eu gosto demais de ficar aqui e vê tudo crescendo” (Agricultora entrevistada, 2023). Dessa forma, o cultivo também assume “[...] função terapêutica, associado ao consumo de alimentos saudáveis, à partilha deste alimento como questão social, somada a atividade lúdica de produzir, de manter, de colher, ou apenas de observar” (Sodré, et.al., 2019, p.176) passando a constituir valor simbólico e cultural.

Realização:



Apoio:



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres que praticam a agricultura normalmente são associadas às relações que estas estabelecem com o campo, no entanto, também estão presentes no perímetro urbano, especialmente aquelas mantêm a tradição de cultivar alimentos nas hortas comunitárias. A agricultura urbana não está restrita às mulheres, no entanto elas se destacam nesses territórios por se apresentarem em maior número, pela identidade que constroem como agricultoras e por seus saberes e fazeres que estão associados ao trabalho.

O trabalho feminino é condição fundamental para a manutenção econômica e social da família, sobretudo, no que tange ao reconhecimento das atividades não remuneradas exercidas pelas mulheres, pois sem uma renda as mulheres tornam-se dependentes dos companheiros, que nas sociedades patriarcais de base eurocêntrica são quem detém o controle econômico da família.

As hortas comunitárias urbanas constituem-se como fonte de manutenção da família, das suas territorialidades, do cotidiano, das relações e dos costumes vivenciados nesse território por meio do trabalho das mulheres, que são a alternativa para o cultivo de alimentos nas cidades.

REFERÊNCIAS

BERTONI, L. M.; MENEZES, S. de S. M. O trabalho invisível no sertão e o saber-fazer das mulheres na produção de queijo. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 16, n. 70, p. 103–118, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8649217>. Acesso em: jan. 2023.

I SERRA, Isabel Salamaña; FERRÉ, Mireia Baylina. El lugar del género en la geografía rural. **BAGE: Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, n. 41, 2006. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1958888> Acesso em nov. de 2020.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de; DEUS, José Antônio Souza de (org.). **Novos Usos do Espaço Rural e suas Resiliências: Transformações e Ruralidades em Goiás, Minas Gerais e Sergipe**. 1 ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2020. Disponível em: <http://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2021/02/Novos-usos-do-Espaco-final-2.pdf> . Acesso em ago. de 2022.

Realização:



Apoio:



MOUGEOT, L.J.A. Agricultura Urbana – conceito e definição. In: BAKKER, N. et al. (Ed.). Cultivandocidades, cultivando comida. International Development Research Centre (IDRC). Ottawa, Canadá, 2000. p. 1-7 Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar/Agricultura+Urbana+Mougeot&btnG>. Acesso em set. de 2022.

PAULILO, Maria Ignez S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 229-252, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/fngwsjnkZHvKMD7Ly3T6gks/abstract/?lang=pt>. Acesso em jun. de 2022.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. Que feminismo é esse que nasce na horta?. **Política e Sociedade**, v. 15, p. 296–316-296–316, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15nesp1p296> Acessado em junho de 2024.

SANTOS, Laiany Rose Souza. A espacialização da luta das mulheres camponesas em Sergipe: feminismo e resistência. 2019. 223 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/11261>. Acesso em nov. de 2022.

SODRÉ, Maria Lúcia da Silva; SANTOS, Ubirani Oliveira; DIAS, Altamar S. Novo Olhar da Produção e do Consumo de Alimentos: Uma Experiência de Horta Urbana no Lar dos Idosos e Segurança Alimentar. **Revista GeoNordeste**, n. 2, p. 173-186, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/geonordeste/article/view/12260> Acesso em ago. de 2023.

YOUNG, Laine. RODRÍGUEZ, Alexandra. A importância da Análise Feminista na pesquisa em Agricultura Urbana. In: Gênero nos Sistemas Alimentares Urbanos. Urban Agriculture, **Revista de Agricultura Urbana**, RUAF, n.37, 2020. Disponível em: <https://ruaf.org/document/urban-agriculture-magazine-no-37-gender-in-urban-food-systems/>. Acesso em jan. 2023.

WILBERS, Joanna. Gênero e Agricultura Urbana. *Revista de Agricultura Urbana* n. 12, 2004. Disponível em: https://ruaf.org/assets/2003/04/rau12_total.pdf. Acesso em nov. de 2022.

Realização:



Apoio:

